2.7.2 O CAPITÃO DA NOITE

«Mularia» de camuflado. *A Cantiga do Vinho.* Bolinhas, o «irmão». O esplendor do boémio disciplinado e disciplinador. Pancadaria de bar e o último desejo de Dean Martin. A mais solitária das horas da madrugada, São João da Cruz e Shakespeare. Neves é major e tem um gesto nobre para com «Oliveirinha». Moçambique sim, mas a seguir a Portugal.

Alguns que bem o conhecem, como Eanes, acham que Neves «como profissional é confiante e dá confiança, mas fora do quartel é imprevisível». É verdade que Neves se concentra no trabalho como um *laser* e que, no horário pós-laboral, se dispersa pelo mundo da noite. Mas nem sempre. Também pode ser imprevisível dentro do quartel. É o que acontece na véspera da mina que atirou a *Berliet* ao ar, quando «só para chatear o tenente-coronel G. V.», detestado pelos soldados, convida para almoçar, na cidade de pano dos comandos, «algumas mulas do Maxim's e da Taberna do Cigano». As damas estão vestidas de camuflado, tal como Neves. E exageram na pose marcial, tal como os militares do ar condicionado.

Na dicotomia trabalho/descanso, as posições de Aristóteles e de Platão variam um pouco. Para ambos, o objetivo do *negotium* é o *otium*. No entanto, para o Estagirita trabalha-se para se ser recompensado com o ócio de prazer, enquanto para Platão o descanso deve ser aproveitado para filosofar. É bem sabido que, em última instância, o pensamento leva à tristeza. Neves não é um platónico, depois do trabalho o que procura não é o pensamento triste mas a alegria física, o prazer dos sentidos. Deste modo, nunca se esquece

de imprimir a devida alternância entre o espaço aberto e de sede do mato e o espaço fechado e de copos do *cabaret*. Também não descura a dança, provando o erro de Aquilino, para quem «Bailão, maricão». Ou de Norman Mailer, que dá o nome de *Tough Guys don't Dance* a um dos seus romances. Neves surpreende os subordinados e a «mularia» não só com um *twist* elétrico e um *rock* de terramoto mas também com os seus *slows*, tangos, boleros e *pasodobles*.

E há o canto. Com a guerra, não perde a velha costela de cantador, embora já não seja um rouxinol da voz. Tem até uma canção da sua autoria e do alferes hércules Sousa Gonçalves. É a «Cantiga do Vinho», a canção de um Neves que não discorda do Pessoa que diz «Boa é a vida, mas melhor é o vinho». Os versos de autoparódia partem de uma canção de Frei Hermano da Câmara:

Não beber foi o meu sonho
Mas não foi esse o meu fado
Deus traçou-me o caminho
Cheio de mulheres e de vinho
...
Nunca bebo só um copo
Ando sempre embriagado
Estou sempre com o meu copinho
Com o estômago cheio de vinho
Nunca mais me senti só
...
Não chorem pelo vinhinho
É preciso é emborcá-lo
E depois a horas mortas
Com valentíssimas tortas
É preciso endireitá-lo

Nesta segunda comissão como comandante de uma companhia de comandos, destacam-se no bando pós-laboral do Tigre os sargentos de ferro Silvério e Mandriana, o alferes médico da companhia, Gualter, por vezes o capitão Falcão e o «irmão» Bolinhas. Este é um tipo de figura que muito ajuda a explicar o Império, não só o império político, com uma capital, mas também a Lusofonia, esse império

civilizacional de várias capitais. Bolinhas é o português que, sem rede, sem estudos nem fortuna, se mete pelos mares e pelos sertões. Vai para o Grande Sul à aventura. Faz biscates, faz capatazia, desenrasca-se. Com a resiliência do pobre com ambição e plasticidade, acaba por se adaptar ao perigoso e duríssimo, mas com doçuras insuspeitas, mundo tropical. Por fim, com um pequeno negócio, consegue comprar a sua independência. É o português de que fala Agostinho da Silva, numa prosa intragável, em total contraste, aliás, com a sua oralidade sedutora. Depois dos camonianos navegadores e militares, depois da Evangelização do Padre Vieira e da Língua Imperial de Pessoa, são homens como o fobeiro do Uíge, o chicoronho da Huíla, o padeiro Manuel do Brasil ou um Bolinhas que muito ajudam à construção do Império e da Lusofonia. Em última instância, são estes portugueses pobres, ambiciosos e aventureiros que mais contribuem para essa *mysterious greatness of a poor little country.*

Depois da rédea curta e pesada no quartel e no mato, é a rédea larga e leve que Neves se dá a si e aos seus. O seu bando de bons malandros bebe, joga e pratica nobres atividades físicas. E tem cenas. O médico Gualter é um dos que se entusiasma com as cenas do bando. Certa vez, num bar frequentado por moçambicanos civis, o empregado de balcão, vendo entrar elementos da 28.ª de cabelo rapado, rosna:

— Lá vêm estes caralhos estragar o ambiente!

Tem o grande azar de ser ouvido. O Tigre, numa reação do tipo ejaculação precoce, nada diz e prega logo um murro ao empregado. Este levanta-se a custo e Gualter, o supostamente pacato médico que o doutor Gualter deveria ser, inebriado com a hipótese de ação, salta para cima do balcão para terminar o que Neves iniciara. A pancadaria generaliza-se, outros civis «levam nos cornos», é «o fim da macacada». Pousada a poeira, os civis rastejam ou amparam-se mutuamente no caminho da saída. O empregado de balcão fica estendido, a sangrar mas em beatitude, no lugar onde Dean Martin confessou que gostava de ser enterrado: «por trás do balcão, junto às garrafas».

O homem que é simultaneamente disciplinador, disciplinado e indisciplinado, que se bate pela ordem durante o dia e se abre à desordem pela noite fora, o homem da perfeita união de contrários, atinge o seu esplendor. Está no topo da montanha. O que vê é exaltante, vasto, violento. Todavia, na mais morta das horas da madrugada, a da solidão metafísica de São João da Cruz em que se encontra Deus, ou a do horror metafísico de Shakespeare em que surge o Nada, reflete no seu presente íntimo, recorda o íntimo passado. Assalta-o a mais funda verdade da sua condição: sente-se encarcerado na solidão do homem solteiro, a que se acrescenta a solidão do chefe. Nem mãe, nem irmãos, nem mulher. Surge a dúvida. Estará a ser o que essencialmente é?! Estará a realizar-se plenamente?! Talvez esteja na altura de ter uma verdadeira família, conjugalidade, filhos...Certo, certo, é que não quer que se lhe apliquem os terríveis versos de Fernando Tavares Rodrigues:

Uma mão que nos falta
A vida inteira

...

Chega a hora de o capitão Jaime Neves passar a oficial superior, a major. É «a patente de pica miolos». Sobre ela recai, normalmente, o odioso do planeamento das operações. Primeiro, é promovido a major graduado, por portaria de setembro de 1971, e só em 1973, em junho, se torna major com todas as letras. É promovido por distinção, uma das três promoções que alcança deste modo. Enquanto uns vão a trote e outros coxeiam na carreira, o Tigre, com as promoções por distinção, vai a galope. Estas promoções ajudam a que, onde quer que apareça, venha já agrafado com o título de «grande chefe operacional». Como oficial superior tem forçosamente de deixar o comando da 28.ª CCMDS. Borralho, alferes miliciano da 21.ª Companhia de Comandos, é graduado em capitão para o efeito. Embora cumpra o seu papel, será sempre visto como um «capitão por favor» pela maioria dos oficiais da Academia. Na passagem do comando da companhia, Neves diz para o graduado:

— Cuida deles! Cuida deles! Cuida-lhes do estômago! — É um conselho que reflete o seu entendimento de que o melhor dos meios militares é o homem.

Mas, uma vez fora da companhia, Neves não fica a comandar, como se esperaria, o Batalhão de Comandos de Montepuez. O Batalhão continua a ter à cabeça o seu primeiro comandante, o capitão Júlio Oliveira, conhecido por «Oliveirinha» ou «Pisca-Pisca», que não foi ainda promovido devido a um processo que corre. Oliveira é um excelente organizador. Mas não é apenas mais um elemento da tropa administrativa. É ele quem conserta a 9.ª CCMDS, a qual, sob o comando do capitão Saraiva, com baixas atrás de baixas, ameaçava desintegrar-se.

Neves não fica com o comando do Batalhão porque não quer. Em vez disso, pede audiência a Kaúlza, o general que mais respeita depois de Bettencourt Rodrigues. Diz ao general K que prefere ficar adstrito ao comando da Zona de Tete durante os poucos meses que faltam a Oliveira para o fim da comissão. Quando se der o seu regresso à metrópole, «mas sem qualquer prolongamento da comissão», o chamado «mata-bicho», então Neves assumirá a chefia dos comandos em Moçambique.

Apresentada a questão nestes termos, Kaúlza, espantado, murmura:

— É um gesto nobre!